

O PAPEL DO PROFESSOR DE CIÊNCIAS NA PREVENÇÃO AS PRINCIPAIS DOENÇAS SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS

Érica de Lima Rodrigues*

Dayse Cristina da Silveira**

RESUMO

O Ministério da Saúde considera as Doenças Sexualmente Transmissíveis como um dos problemas de saúde pública mais frequentes em todo mundo. Por se tratar de doenças que geram uma cadeia de transmissão faz-se necessário a conscientização precoce, para que os adolescentes se tornem adultos responsáveis e saibam usar a sexualidade de forma responsável. A sexualidade é definida como uma relação do ser humano consigo mesmo e com os outros, e a prática dessa sexualidade fornece prazer e expressa diversos sentimentos. No entanto, é preciso conhecer a si mesmo e ao seu corpo, valorizando e tendo atitudes de responsabilidade, pois caso essa prática seja irresponsável, pode trazer conseqüências negativas, como é o caso da DSTs. Objetivou-se analisar e identificar o papel do professor de ciências na mediação do conhecimento relacionado à prevenção das principais Doenças sexualmente transmissíveis sendo realizado por meio de revisão literária de caráter exploratório e qualitativo. O estudo demonstrou que o tema Corpo Humano e Saúde é de responsabilidade do professor de Ciências através do que é proposto pelo Conteúdo Básico Comum, aumentando responsabilidade desse professor na prevenção a essas doenças, pois o tema cria um ambiente propício para o assunto. Conclui-se, portanto que o professor de Ciências tem a importante missão de transmitir aos alunos que a sexualidade de forma responsável é fator para se ter qualidade de vida, ajudando que se tornem cidadãos que conscientes da forma de cuidar da sua vida e de terceiros.

Palavras-chave: Sexualidade. Educação. Ciências. DSTs.

*Graduanda em Ciências Biológicas pela Faculdade Cidade de João Pinheiro (FCJP). erica.limarodrigues@hotmail.com

**Especialista em Microbiologia pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-MG), professora orientadora da Faculdade Cidade de João Pinheiro (FCJP). dayse_cristina@hotmail.com

ABSTRACT

The Ministry of Health considers Sexually Transmitted Diseases as one of the most common public health problems worldwide. Because it is a disease that generate a chain of transmission it is necessary early awareness so that teenagers become responsible adults and know use sexuality responsibly. This article aimed to analyze and identify in the teacher's role in mediating science knowledge related to preventing major STDs, being carried out through literature review of exploratory and qualitative. The study showed that the topic Human Body and Health is the responsibility of the science teacher through content proposed by the Common Basic Content, and increases the responsibility off teacher in preventing these diseases, because the theme creates an enabling environment for it. It follows therefore that the science teacher has the important task to convey to students that sexuality responsibly factor is to have quality of life, helping them to become citizens aware of the way to take care of your life and others.

Keywords: Sexuality. Education. Sciences. STDs.

1 INTRODUÇÃO

Sexualidade é algo intrínseco á vida e á saúde que se expressa desde cedo no ser humano e acompanha por toda sua existência. A sexualidade é definida como uma relação do ser humano consigo mesmo e com os outros, e a prática dessa sexualidade fornece prazer e expressa diversos sentimentos. No entanto, é preciso conhecer a si mesmo e ao seu corpo, valorizando e tendo atitudes de responsabilidade, pois caso essa prática seja irresponsável, pode trazer conseqüências negativas, como é o caso da DSTs e algumas sem cura sendo para toda vida (BRASIL, 1997).

A escola não pode se omitir da responsabilidade de mediar o conhecimento sobre sexualidade para seus alunos, levando em consideração a relevância que isso terá nas gerações atuais e futuras (FIGUEIRÓ, 2010). De acordo com Brasil (1997):

Devido ao tempo de permanência dos jovens na escola e às oportunidades de trocas, convívio social e relacionamentos

amorosos, a escola não pode se omitir diante da relevância dessas questões, constituindo local privilegiado para abordagem da prevenção às doenças sexualmente transmissíveis/ AIDS (BRASIL, 1997, p. 114).

Levando em consideração o tempo de permanência na escola, são quatro anos no ensino fundamental II, e na maioria das vezes dentro da escola tem os primeiros relacionamentos, além de conviver com adolescentes de mesma idade. A gestão da escola precisa fazer dela um local apropriado para a conscientização sobre a prevenção as principais DSTs, se transformando em uma instituição que seja capaz de somar significativamente no desenvolvimento desses adolescentes, reconhecendo o seu papel na conscientização sobre sexualidade, pois na escola é possível atingir grande número de crianças e adolescentes, dificilmente alcançados em outros convívios sociais destes (FIGUEIRÓ, 2010).

É necessário que se crie um ambiente aberto e estabeleça confiança entre aluno e professor, para tornar possível que as informações corretas sobre os assuntos ligados á sexualidade cheguem a esses alunos de forma clara para que questionem e mudem atitudes erradas. Ações na escola no sentido da educação sexual incentivam atitudes de responsabilidade e promovem a conscientização de respeito mutuo e de que qualquer pessoa pode ser contaminada por uma DST, caso tenha um comportamento de risco (BALEEIRO, et. al, 1999).

Diante a relevância do assunto, objetivou-se analisar e identificar o papel do professor de Ciências na prevenção as principais DSTs, bem como listar as principais DSTs apresentando sucintamente os sintomas, tratamento e prevenção, analisando as considerações do poder público acerca da sexualidade através dos Conteúdos Básicos Comuns do ensino fundamental e dos Parâmetros Curriculares Nacionais, mais especificamente Apresentação aos Temas Transversais, Saúde e Orientação Sexual.

O presente estudo foi realizado por meio de revisão literária de forma exploratória e qualitativa, durante os meses de março a agosto de 2015, buscando fontes em livros, artigos científicos, e revistas sendo que tais fontes foram adquiridas por meio de empréstimos em bibliotecas e/ou compradas, bancos de dados em sites da internet como o Scielo e Google.

2 DOENÇAS SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS

Entende-se por DSTs aquelas doenças que são veiculadas, principalmente, por contato sexual sem o uso de camisinha com uma pessoa que esteja infectada, e geralmente se manifestam por meio de feridas, corrimentos, bolhas ou verrugas. O tratamento dessas doenças contribui para a melhora na qualidade de vida da pessoa infectada e interrompe a cadeia de transmissão de forma efetiva dessas doenças para outras pessoas. (BRASIL, 1986). Algumas tem cura com tratamento adequado, mas existem aquelas DSTs que não tem cura e podem levar a óbito se não forem adequadamente identificadas e tratadas em tempo hábil (VARELA; JARDIM, 2009).

Por muito tempo acreditava-se que existiam grupos de risco para contaminação com DSTs, o que foi desmistificado, pois atualmente sabe-se que não se trata de grupo de risco e sim de comportamento de risco. O Ministério da Saúde classifica como os principais: manter relações sexuais (homo ou heterossexual) sem uso de preservativos, compartilhamento de seringas e agulhas no uso de drogas injetáveis e reutilização de materiais perfurocortantes, como alicates, pinças, agulhas e outros, sem estarem adequadamente esterilizados.

Embora a mídia de ênfase a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS), por ser extremamente grave, não pode minimizar outras doenças, pois seus agentes estão se tornando mais adaptados e resistem mais a ação dos antibióticos. Embora possam ser evitadas, necessitam de um diagnóstico precoce e tratamento adequado, a falta de informação faz com que muitas pessoas deixem de procurar orientação médica (MINAS GERAIS, 1998).

Baleeiro afirma que,

A grande importância do tratamento imediato é não só fazer cessar os sintomas e evitar complicações advindas das DST, mas também interromper a cadeia de transmissão de forma efetiva. (BALEEIRO et.al. 1999, p.249)

O Ministério da Saúde classifica como as de maior incidência no Brasil as descritas a seguir:

2.1.1 AIDS

A AIDS é uma doença causada pelo vírus HIV, que é o Vírus da Imunodeficiência Adquirida é síndrome porque constitui um conjunto de sinais e sintomas, o termo imunodeficiência expressa que o ataca o sistema imunológico, que tem como função a defesa do organismo contra agentes patológicos, deixando de funcionar de maneira eficiente e adquirida por ser causada por um vírus (MINAS GERAIS, 1998).

Como ela ataca o sistema imunológico, com o decorrer do tempo o sistema imune vai perdendo a eficiência de defesa, o corpo se torna mais suscetível a doenças oportunistas, e a pessoa com o vírus começa a ficar doente com mais facilidade é quando diz que a pessoa está com a AIDS, pois ter o vírus não significa que a pessoa tenha a AIDS, o vírus pode ficar encubado por anos sem desenvolver a doença. Mesmo sem a manifestação da doença o vírus pode ser transmitido. Caso houve um comportamento de risco é necessário fazer o teste, pois é a única forma de saber se realmente houve o contágio (BRASIL, 1986).

As formas de transmissão são as vias sexuais anal, oral ou vaginal, desde que ocorra contato das mucosas com secreção contaminada, vias sanguíneas por meio de transfusão de sangue, pelo compartilhamento de seringas, agulhas ou materiais perfurocortantes contaminados e a vertical durante gravidez e parto sem devido tratamento (MINAS GERAIS, 1998).

A AIDS não tem cura, o combate é por meio da prevenção. Existe tratamento, esse tratamento não mata o vírus causador da doença, porém ajuda a evitar a debilitação do sistema imune, fazendo com que esse paciente tenha um tempo de vida maior e com mais qualidade (ROVERATTI, 2011).

Os programas de educação sexual devem conscientizar do uso de preservativo em todas as relações sexuais, uso de materiais perfuro cortantes descartáveis ou esterilizados e enfatizar que o convívio social não transmite o vírus, para que se evitem constrangimentos e preconceitos (MINAS GERAIS, 1998).

2.1.2 Sífilis

A sífilis é uma doença causada por uma bactéria, a *Treponema pallidum*, e pode ser transmitida durante o sexo sem uso de preservativo, por contato da mucosa ou pelo do aparelho geniturinário de uma pessoa sã com indivíduo doente, transfusão de sangue contaminado ou da mãe para o filho durante a gestação ou parto. A prevenção se dá com uso de preservativo em todas as relações sexuais, acompanhamento com médico em caso de gravidez e não compartilhar seringas (ROVERATTI, 2011).

Os primeiros sintomas são pequenas feridas na região genital e caroços nas virilhas, não doem, não coçam, não ardem não apresentam pus. A ferida pode desaparecer sem tratamento, porém a pessoa continua contaminada até atingir estágios mais graves. A doença costuma desaparecer durante meses ou anos, até o momento que surgem complicações mais graves como cegueira, paralisia e outros, podendo levar até a morte (BRASIL, 1986).

Para ter o diagnóstico é preciso procurar um profissional da saúde que indicará que se faça um teste e em caso de ser positivo para sífilis indicar o melhor tratamento de acordo com o estágio que a doença se encontra, pois é curável (VARELA; JARDIM, 2009).

2.1.3 Gonorréia

A gonorréia é causada por uma bactéria, a *Neisseria gonorrhoeae*, os sintomas se manifestam de 3 a 9 dias depois da relação sexual desprotegida (ROVERATTI, 2011). Os sintomas começam com dificuldade e ardência ao urinar, aumento no corrimento amarelo ou esverdeado, em alguns casos com sangue (VARELA; JARDIM, 2009). Pode infectar o pênis, o colo do útero, o reto, garganta e os olhos. Quando não tratada pode levar a infertilidade, dor nas relações sexuais, gravidez nas trompas e outras doenças. Entretanto, é possível que mesmo sem os sintomas a pessoa transmita a bactéria, é preciso usar preservativo em todas as relações sexuais para prevenir a doença (BRASIL, 1986).

As grávidas podem transmitir a doença para os filhos no momento do parto, causando infecção nos olhos do recém nascido e até cegueira. O diagnóstico é por

meio de exame clínico específico e o tratamento é feito com antibióticos (VARELA; JARDIM, 2009).

2.1.4 Clamídia

A clamídia é causada por uma bactéria intracelular a *Chlamydia trachomatis*, transmitida através das relações sexuais e de mãe para filho, na hora do parto. É uma doença muito frequente e geralmente passa despercebida, pois nem sempre os sintomas são evidentes (ROVERATTI, 2011).

Os sintomas podem vir com dor ao urinar e corrimento vaginal e uretral. Se não tratada pode afetar o colo do útero e as tubas uterinas, em casos mais graves causa gravidez fora do útero, esterilidade, parto prematuro e aborto. Em alguns casos a infecção pode permanecer sem sintomas por um grande período de tempo, aumentando a transmissão. Manter relações sexuais apenas com uso de preservativo é a forma mais segura de se evitar a contaminação por clamídia (VARELA; JARDIM, 2009).

Caso apresente os sintomas à pessoa tem que procurar orientação médica, pois a clamídia tem cura e é tratada com antibióticos (ROVERATTI, 2011).

2.1.5 Herpes Genital

O Herpes genital é causado por um vírus chamado herpes simples (HSV). Há dois tipos de vírus do herpes simples: HSV-1 e HSV-2, o primeiro está associado a lesões na boca e o segundo a lesões genitais. Manifesta-se com aparecimento de bolhas na ponta do pênis ou na vulva feminina, essas bolhas podem arder e coçar muito (VARELA; JARDIM, 2009).

A contaminação é por meio de relação sexual desprotegida com uma pessoa infectada. É altamente contagiosa quando está manifestando os sintomas, necessitando de atenção aos cuidados com a higiene como lavar as mãos, evitar

contato direto com as bolhas, pois o líquido contido nas bolhas contém grande quantidade de vírus e caso esse entre em contato com as mucosas da boca, da região anal ou genital ocorre à contaminação, e abstinência sexual nesse período é primordial para evitar novas contaminações (VARELA; JARDIM, 2009). Caso apresente os sintomas aconselha-se a procurar orientação médica para diagnóstico correto, a herpes não tem cura, mais tem tratamento para minimizar os sintomas e prevenir as complicações. Os sintomas podem voltar a aparecer em situações que afetem o sistema imunológico (ROVERATTI, 2011).

2.1.6 HPV

O condiloma acuminado é uma doença causada pelo Papilomavírus Humano (HPV). Atualmente existem mais de 100 tipos de HPV, alguns causadores de câncer, principalmente no colo do útero e no ânus. A contaminação é muito frequente e nem sempre resulta em câncer. O exame ginecológico, Papanicolau, pode detectar alterações no colo do útero e deve ser feito habitualmente por todas as mulheres (ROVERATTI, 2011).

O HPV provoca o aparecimento de verrugas nos órgãos genitais, que vão se juntando e formam lesão maior, nos homens é mais comum na glande e no ânus e nas mulheres na vagina, vulva, região anal e colo do útero, podendo aparecer em ambos na boca e garganta. Portadores do HPV pode não apresentar os sintomas e mesmo assim transmitir, porem quando a verruga é visível o risco de contaminação é maior. Usar preservativo durante as relações sexuais que inclui o contato oral-genital, genital-genital ou mesmo manual-genital impede a transmissão do vírus (BRASIL, 1986).

O tratamento bem feito leva a cura e é através de medicamento com uso local, cauterização ou cirurgia, cabendo ao médico indicar o melhor para impedir que se transforme em câncer (VARELA; JARDIM, 2009).

3 ORIENTAÇÃO SEXUAL E ADOLESCÊNCIA

Á educação ocorre ao longo da vida do indivíduo em seus diferentes meios sociais e em diferentes situações, seja quando esse atua, enfrenta desafios, busca soluções, interage consigo mesmo e com os outros. Através da educação a pessoa amplia seus conhecimentos e produz modificações não só no meio mais em si mesmo. Essa construção e modificação são processos educativos que ocorrem ao longo da vida, nos diferentes espaços. A Educação em suas diferentes dimensões está inserida nos diversos meios sociais, mais a escola tem vantagem nessa questão, pois é o ambiente que planeja ações para educação mais aprofundada e que leva aos educandos conhecimento do ponto de vista científico, permite que questionem as verdades e reflitam sobre o que foi mediado em outros ambientes de convívio, contribuindo na formação de conceitos desses indivíduos (BALEIRO et. al., 1999).

A sexualidade pode ser entendida como uma energia que mobiliza e impulsiona os seres para suas preferências e escolhas, é perceptível nos desejos, fantasia, através dos sentidos como tato, olfato, pela voz. É rodeado de emoções, fazendo parte da construção da história de cada um, afirmando sua identidade. Sendo um das dimensões de expressão do ser humano em sua relação consigo e com os outros (MINAS GERAIS, 1998).

Desde a década de 1920 há registros de busca de ações na escola com a temática sexualidade, porém, se intensificou sobre incluir o tema nas escolas a partir da década de 1970, por ser considerada relevante na formação geral do indivíduo e por questões políticas que começaram a repensar sobre os conteúdos trabalhados na escola e o papel dessa na sociedade, mesmo assim tanto na rede pública quanto na particular foram poucas as iniciativas. A partir de meados dos anos 1980, a procura por ações voltadas para a sexualidade nas escolas aumentou, pois os educadores começaram a se preocupar com o risco de contaminação por DSTs e gravidez indesejada, no início os pais foram resistentes, mas atualmente as famílias exigem a abordagem dessas discussões no ambiente escolar (BRASIL, 1997).

O trabalho de educação em sexualidade precisa levar em conta o conjunto de temas que leve ao aprendizado de si mesmo e do outro e que ofereçam meios de conscientização para a prevenção a saúde em suas diferentes formas (BALLEIRO et.al., 1999).

A educação sexual, não leva em conta apenas conhecimentos teóricos e práticos, trata-se de uma temática que envolve sentimentos, valores, expectativas e atitudes e que se bem trabalhada auxilia para a composição de identidades íntegras, responsáveis e participantes (MINAS GERAIS, 1998).

Segundo Figueiró (2010), pode ser considerada Educação para a Sexualidade toda a ação de ensino aprendizagem sobre a sexualidade humana, podendo ser em nível de conhecimento básico, ou considerando conhecimentos, discussões e reflexões sobre respeito, emoções, atitudes relacionados a sexualidade.

De acordo com Baleeiro et.al, (1999 p.39,) “a adolescência é a fase do desenvolvimento humano caracterizada pelas transformações biopsicossociais que marcam a progressiva passagem da infância para a vida adulta”, e essas alterações físicas e psicológicas sofridas colocam a sexualidade mais intensa e esses adolescente se vê diante de novas possibilidades e de um mundo em intensa transformação e às vezes sem o conhecimento necessário para essa fase de transição.

O ambiente familiar deveria ser considerado um local para discussão sobre dúvidas e reflexões sobre sexualidade, porém é raro ter essa cumplicidade para discussão sobre o assunto (BRUNS; ALMEIDA, 2010). Essa falta de cumplicidade faz com que os adolescentes comecem sua vida sexual sem haver conscientização por parte dos adultos, às vezes vivem essas experiências escondido dos pais (BENETTI, 1996).

Com o aumento da tecnologia, avanço das redes sociais e acesso à internet disponível para grande parte da população, erotização frequente na televisão em novelas e propagandas contribuem para despertar o interesse dos adolescentes sobre o sexo, porém traz informações que enfatizam apenas o lado prazeroso da sexualidade sem se preocupar com outros aspectos como as DSTs (BRUNS; ALMEIDA, 2010). A maioria dos adolescentes são influenciados na formação dos seus conceitos sobre sexualidade e tudo que a envolve através desses meios, porém essas fontes nem sempre são confiáveis e podem trazer informações incorretas que os jovens não saberão distinguir das verdadeiras.

Além das informações recebidas por diferentes vias de comunicação os adolescentes trocam muitas informações entre si, segundo Baleeiro et.al, p.55, (1999) “o adolescente busca no grupo de iguais referências e identificações para

definir sua própria identidade em transformação. É aí que busca respostas para suas dúvidas e ansiedades [...]”. Como os grupos são compostos geralmente por adolescentes da mesma idade, com mesmas dúvidas e nível de conhecimento igual ou inferior, a troca dessas informações entre eles podem levar a um conceito equívoco e gerando um número maior de pessoas desinformadas com atitudes de risco.

Todas as questões e conceitos, independente de onde foram formados, são levados para a escola, cabendo a ela desenvolver uma ação crítica, reflexiva e educativa, precisa ofertar um espaço que esclareça as dúvidas e satisfaça suas ansiedades desse assunto, promovendo a saúde e realizando ações preventivas as DSTs de forma mais eficaz, pois informações corretas junto com autoconhecimento e reflexão ampliam a consciência sobre o que é necessário para evitar conseqüências negativas (BRASIL, 1997).

Figueiró (2010, p.114) ressalta que,

O reconhecimento do papel da escola na Educação Sexual pode ser acentuada na medida em que há conscientização de que, pela educação, especialmente a pública, é possível atingir um grande número de crianças e adolescentes.

Refletir a respeito da educação sexual é importante, levando em consideração todas as características dos adolescentes e que na maioria das vezes a escola é o único meio de convívio desse adolescente que transmite as informações seguras e confiáveis e uma reflexão e discussão aberta de questões ligadas à sexualidade contribui para o desenvolvimento e formação de opinião sobre tabus, crenças e lendas (MINAS GERAIS, 1998).

A experiência tem demonstrado que o aluno vê muito de seus professores como interlocutores confiáveis, com quem se sentem a vontade para falar de assuntos importantes de sua vida e pedir orientação. Essa constatação aponta para a viabilidade da educação sexual na escola, desde que haja empenho e capacitação docente de modo a proporcionar objetividade e eficácia na relação entre professor e aluno, nessa área tão sensível e com implicações tão abrangentes. (MINAS GERAIS, 1998, p. 51)

É preciso considerar que para a educação sexual ser eficaz necessita de um profissional preparado e com aptidão para tratar o tema, sendo esse profissional definido como aquele que transmite confiança, que sabe esclarecer as dúvidas com instruções corretas nos aspectos científicos, separando valores e crenças, abordando o tema imparcialmente podendo fazer com que os alunos tenham maior cuidado com o corpo, que respeitem a si mesmo e ao outro e conseqüentemente melhorem as atitudes de prevenção as DSTs (BRASIL, 1997).

4 PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS E CONTEÚDO BÁSICO COMUM ACERCA DA EDUCAÇÃO SEXUAL

O compromisso com a educação para a cidadania pede uma prática educacional que compreenda a realidade social, direitos e deveres da vida pessoal coletiva, individual e ambiental. Nesses aspectos foram incorporados os temas transversais, sem objetivo de serem novas disciplinas, devem ser introduzidas nas áreas já existentes na escola. Os temas transversais são questões urgentes, importantes e presentes em diferentes formas na vida cotidiana (BRASIL, 2000).

A orientação sexual é apresentada como tema transversal nesse contexto, é enfatizado que deve ser entendida como um processo em âmbito coletivo, diferenciando de uma educação realizada pela família, pois possibilita a reflexão e discussão das diferentes questões associadas à sexualidade sem impor valores sobre outros, possibilitando a esses jovens a possibilidade de exercer sua sexualidade de forma prazerosa e responsável e que tenham discernimento de comportamentos ligados às manifestações sexuais. Na prevenção as DSTs, a escola precisa oferecer informações científicas e atualizadas sobre as formas corretas de prevenção, e conscientizar da discriminação que atinge os portadores de HIV e AIDS (BRASIL, 2000).

De acordo com o PCN Orientação Sexual, 1997 as manifestações sexuais surgem em todas as faixas etárias e os profissionais da escola não podem ignorar, ocultar ou reprimir é preciso incluir com todas as dimensões afetivas e sociais contidas nesse contexto. A sexualidade será construída a partir dessas interações

do indivíduo com o meio e a cultura. Essa questão é bastante atual e presente no dia-a-dia da escola, esse PCN vem com o objetivo de delimitar o trabalho do educador neste tema (BRASIL, 1997).

Como a Orientação Sexual é integrada por meio da transversalidade, propõe um posicionamento em toda prática educativa, e deverá se dar de duas maneiras: por meio dos conteúdos nas diferentes áreas do currículo e sempre que surgirem questões relacionadas ao tema (BRASIL, 1997).

O poder público sugere que a Orientação Sexual seja trabalhada desde os primeiros ciclos do ensino fundamental, ou seja, do 1º ao 5º ano. Obviamente que de formas distintas, respeitando as diferentes etapas do desenvolvimento, o objetivo inicial é introduzir conceitos gerais e satisfazer as curiosidades inerentes de cada fase, para que quando a temática precisar ser mais aprofundada esses alunos já estejam familiarizados com o tema. A partir do 6º ano, além da transversalidade, a Orientação Sexual começa a ganhar um espaço específico, pois os alunos já apresentam condições de assimilar informações acerca da sexualidade, e com o início da puberdade já levam questões polêmicas para a escola e precisam de orientação para resolver esses conflitos e cabe ao professor introduzir alguns temas relevantes que muitas vezes ainda não foram questionadas pelos jovens, como é o caso das DSTs (BRASIL, 1997).

Os conteúdos foram divididos em três blocos, que deverão ser adaptados às diferentes faixas etárias e realidades da escola: Corpo: matriz da sexualidade, Relações de Gênero e Prevenção das Doenças Sexualmente Transmissíveis/AIDS. No terceiro bloco os educadores precisam ficar atentos para não ligar sexualidade à morte, o objetivo é que as informações conscientizem sobre as doenças com foco na prevenção abordando os comportamentos de risco, contribuindo para a prática sexual responsável atual e futura (BRASIL, 1997).

Serão citados três dos doze objetivos de acordo com BRASIL, (1997, p.133-134), que são considerados relevantes para o presente trabalho:

Os alunos ao fim do ensino fundamental a partir do tema Orientação Sexual sejam capazes de;

- .Agir de modo solidário em relação aos portadores do HIV e de modo propositivo na implementação de políticas públicas voltadas para a prevenção e tratamento das doenças sexualmente transmissíveis/AIDS.
- .Evitar contrair ou transmitir doenças sexualmente transmissíveis, inclusive o vírus da AIDS.

Na leitura dos CBCs do ensino fundamental das disciplinas de Matemática, Português, História e Geografia foi possível notar que as habilidades pedidas nos tópicos obrigatórios e opcionais não é possível enquadrar de forma direta assuntos recorrentes a sexualidade e DSTs, apenas na língua portuguesa se poderia incluir textos do assunto, de qualquer forma de forma superficial e essa superficialidade poderá gerar mais dúvidas sobre o tema.

O CBC de ciências traz diversos tópicos que a sexualidade e DSTs podem ser trabalhadas diretamente, como os citados abaixo:

Eixo Temático II Corpo Humano e Saúde

(...). É importante que o estudante conheça o próprio corpo para adotar hábitos saudáveis e se responsabilizar pela sua saúde. O estudo do corpo humano é mais uma das oportunidades para desenvolver nos estudantes atitudes de respeito à vida e de auto-estima. Nesse sentido, é imprescindível a identificação do estudante com seu próprio corpo em atividades de auto-observação e autoconhecimento.

Fazem parte deste eixo curricular os seguintes temas:

1. A Dinâmica do Corpo;
2. Sexualidade;
3. Interação do Corpo com Estímulos do Ambiente. (MINAS GERAIS, 2008, p.23)

De acordo com o CBC de Ciências é necessário priorizar o ensino sobre a utilização dos preservativos, DSTs e valorização do sexo seguro. Sugere ainda que nas atividades de estudo da temática esses estudantes tenham oportunidade de utilizar corretamente o preservativo e compreenda palavras e frases próprias da sexualidade, visto que muitas vezes usam termos populares. É reforçado no tema Sexualidade, tópico 20 (Métodos Contraceptivos), habilidade básica 20.1 que ao final do conteúdo o estudante seja capaz de identificar os principais métodos contraceptivos relacionando-os com as doenças sexualmente transmissíveis, sugere 4 aulas para o 8º ano (MINAS GERAIS, 2008).

A orientação sexual é recomendada pelos PCN como tema transversal às disciplinas escolares. Entretanto, muitas vezes, é o professor de ciências que desencadeia discussões em torno desse tema, em função da natureza de sua disciplina e da proximidade do tema com os conteúdos de Biologia. (Minas Gerais, 2008, p. 24)

No entendimento da citação supracitada, entende-se que mesmo o poder público classificando Orientação Sexual como tema a ser trabalhado por todas as disciplinas, o professor de Ciências terá provável sucesso em função de outros conteúdos já específicos da disciplina.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A falta de informação ou informação inadequada sobre a sexualidade e DSTs acarreta problemas para a população atual e provavelmente para as futuras, o assunto é cercado por mitos e curiosidades. Os adolescentes para satisfazer suas curiosidades buscam informações em fontes nem sempre confiáveis, fazendo com que a conscientização sobre DSTs e as formas de prevenção necessitem ser aplicados precocemente e deve ser oferecida principalmente na escola, através da Educação Sexual.

O professor de ciências media o conhecimento sobre o tema Corpo Humano e Saúde, tem maior responsabilidade na prevenção as DSTs, visto que o tema cria um ambiente propício para o assunto, fazendo com que os alunos tenham mais liberdade em questionar, cabendo a esse professor a importante missão de conscientizar esses alunos que a sexualidade de forma responsável é fator de qualidade de vida, contribuindo para que se tornem cidadãos conscientes da forma de cuidar da sua saúde e de terceiros.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Julio Groppa. **Sexualidade na escola**: Alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1997.

BENETI, Santos. **Sexualidade**: Como vivê-la de maneira criativa. São Paulo: Paulina, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Pluralidade Cultural e Orientação Sexual**: parâmetros curriculares nacionais. Brasília, DF, 1997.

_____. **Introdução**: parâmetros curriculares nacionais. Brasília, DF, 1997.

_____. **Saúde**: parâmetros curriculares nacionais. Brasília, DF, 1997.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **Educação Sexual**: retomando uma proposta, um desafio. 3º ed. Londrina: Eduel, 2010.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais**. Criado em 1986. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/saude/2011/09/hiv-e-dst-em-mulheres>>. Acesso em 23 de março de 2015.

_____. Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/pagina/clamidia-e-gonorreia>>. Acesso em: 07 de maio de 2015.

_____Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/aids>>. Acesso em: 07 de maio de 2015

_____Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/pagina/condiloma-acuminado-hpv>>. Acesso em: 07 de maio de 2015.

_____Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/pagina/sifilis>>. Acesso em: 07 de maio de 2015.

_____Disponível em: <<http://www2.maringa.pr.gov.br/sistema/arquivos/fdedcf6e511c.pdf>>. Acesso em: 07 de maio de 2015.

BRITO, Ana Maria; CASTILHO, Euclides Ayres; SZWARCOWALD, Célia Landmann. **AIDS e infecção no Brasil:** uma epidemia multifacetada. Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical. Uberaba. V. 34, nº 2, p. 207-217, mar-abr, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0037-86822001000200010> acesso em 07 de maio de 2015.

BRUNS, Maria Alves de Toledo; ALMEIDA, Sérgio. **Sexualidade:** preconceito, tabus, mitos e curiosidades. 2º ed. Campinas. Átomo. 2010.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Educação. CBC Ciências Ensino fundamental. Disponível em: <http://crv.educacao.mg.gov.br/sistema_crv/banco_objetos_crv/%7BCDE8721E-F006-4752-8005-7AF4C68AC7A5%7D_proposta_curricular_ciencias_ef.pdf> acesso em 08 de junho de 2015

_____. Secretaria de Estado de Educação. CBC Geografia Ensino fundamental. Disponível em:

<http://crv.educacao.mg.gov.br/sistema_crv/banco_objetos_crv/%7BD512A0FA-465D-40DC-9CB0-5F9FAD152E77%7D_proposta-curricular_geografia_ef.pdf> acesso em 08 de junho de 2015

____ Secretaria de Estado de Educação. CBC História Ensino fundamental.

Disponível em:

<http://crv.educacao.mg.gov.br/sistema_crv/banco_objetos_crv/%7B8DCF0E86-80DC-4E81-B6A0-EC39E0A55C67%7D_proposta-curricular_historia_ef.pdf> acesso em 08 de junho de 2015

____ Secretaria de Estado de Educação. CBC Língua Portuguesa Ensino fundamental. Disponível em:

<http://crv.educacao.mg.gov.br/sistema_crv/banco_objetos_crv/%7BF05F7EE3-1E11-4756-BCBC-187A12923C4E%7D_proposta-curricular_lingua-portuguesa_ef.pdf> acesso em 08 de junho de 2015

____ Secretaria de Estado de Educação. CBC Matemática Ensino fundamental.

Disponível

em:

<

http://crv.educacao.mg.gov.br/sistema_crv/banco_objetos_crv/%7B40401837-1607-4983-BC2A-E04BBEF2FCDB%7D_proposta-curricular_matematica_ef.pdf> acesso em 08 de junho de 2015

SILVA, Mariana de Souza da; POMPILHO, Wendell Mattos. **Nível de informação sobre métodos contraceptivos e DSTs:** Uma abordagem com alunos de 8º e 9º ano do ensino fundamental em escolas públicas do Município de Itaperuna, RJ. Revista Práxis. Volta Redonda. ano IV, nº 8, p. 59-67, agosto, 2012. Disponível em: <<http://web.unifoa.edu.br/praxis/numeros/08/59-68.pdf>> acesso em 08 de maio de 2015.

VARELLA, Drauzio; JARDIM, Carlos. **DSTs e Hepatites.** Barueri. Gold. 2009.

ROVERATTI, Dagmar. **Guia da Sexualidade:** reedição ampliada e ilustrada. São Paulo. Daikoku.20

11.